

Quem foi que colocou colchetes na minha Bíblia?

(Sim, você pode confiar nas traduções modernas!)

Versão 3.0

Por: Renato N. Fontes (renfontes@hotmail.com)

Maio de 2001, revisado em Março de 2005 e agosto de 2007

Meus agradecimentos ao professor Nório Yamakami, pelas sugestões.

É permitido copiar e distribuir este artigo, desde que seja na íntegra e que sejam mantidos os créditos do autor.

A Deus toda glória!

Introdução

Sinceramente, até bem pouco tempo atrás eu considerava totalmente desnecessário escrever sobre este tema. Em minha simplicidade, pensava: “ora, a Bíblia foi traduzida para a nossa língua no século XVII e nada mais natural do que fazer uma tradução numa linguagem que usamos hoje” – e, na verdade, continuo pensando assim. Até descobrir os fundamentalistas, que dizem que somente as versões antigas são a Palavra de Deus e as traduções modernas são distorções. Primeiro me deparei com os fundamentalistas da língua inglesa, defendendo a KJV (*King James Version*, também conhecida como AV -- *Authorized Version*, de 1611) como única tradução aceitável (essa facção é conhecida como *KJV-only*, e seus adeptos como *KJV-onlyists*). Depois, para minha surpresa (olha que eu já suspirava aliviado: “pelo menos *essa* esquisitice os brasileiros não copiaram!”), descobri que existem lusófonos que dizem que a única tradução válida é a “Almeida Corrigida Fiel”, de 1753, baseada na tradução de João Ferreira de Almeida feita no século anterior. Imagino que casos semelhantes existam entre os cristãos de língua espanhola, no caso da tradução de Reina-Valera (da mesma época), e por aí vai. Afinal, com base em quais argumentos eles dizem essas coisas? Os motivos são basicamente dois: problemas de tradução e questões textuais. As questões textuais se referem aos colchetes que já mencionamos e que aparecem na Edição Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil.

Curiosamente, os fundamentalistas mais radicais, de língua inglesa, acreditam que apenas a KJV é a Palavra de Deus, a qual não possui tradução digna em qualquer outra língua. Alguns chegam ao extremo de achar que ela é superior ao próprio texto grego original, e que a Bíblia teria sido reinspirada em 1611! Acreditam que a língua inglesa foi de certa forma privilegiada por Deus, assim como o grego há dois mil anos. Não é à toa que esse pensamento produz racismo, por acreditar na superioridade de uma cultura sobre as outras. Basta lembrar que foi esse tipo de crença, levada às suas últimas conseqüências, que levou Hitler ao holocausto dos judeus. Felizmente, os fundamentalistas brasileiros não chegam ao ponto de crer na exclusividade da KJV, mas sua visão de mundo eurocêntrica e americanocêntrica será tratada no segundo apêndice.

Bem, vamos ao que interessa!

A necessidade de novas traduções

Você deve ter notado que na introdução usei o termo “lusófono”, e talvez tenha se perguntado: “por que ele não disse ‘de fala portuguesa’, não seria mais simples”? Pois bem, foi proposital. Quando Paulo escreveu suas cartas, não usou termos estranhos ao linguajar corrente (como o “lusófono” acima), nem pronomes em desuso na sua época (como é o caso do “vós” das traduções mais antigas). Podemos citar o famoso “beneplácito” de Efésios 1. Fico imaginando quantos leitores nos dias de hoje sabem o que é “beneplácito”... A propósito, o termo em questão, no grego, é *eudokia*, uma palavra que de complicada não tem nada (para os de fala grega, naturalmente). É composta do prefixo *eu-*, que significa “bom”, e de uma palavra derivada do verbo *dokeo*, que é “agradar-se”. Num português mais simples, era algo como “boa vontade”. Aliás, ela é traduzida assim em Lucas 2:14 (ou como “favor”, dependendo da tradução). Podemos nos lembrar de vários outros termos complicados, sem mencionar que o leitor brasileiro, na média, tem escolaridade baixa. Por incrível que pareça, termos simples como “fraternalmente” já confundem alguns, que dizer então dos mais complicados! Não podemos nos esquecer, aliás, que uma das virtudes da Reforma Protestante foi colocar a Bíblia na linguagem do povo. É bem verdade que já existiam traduções nas línguas vernáculas (inglês e alemão, por exemplo) antes da Reforma, mas o catolicismo medieval nunca viu isso com bons olhos, autorizando apenas a leitura da Vulgata, que era a versão em latim. Com o advento dos reformadores, a divulgação da Bíblia entre as pessoas simples ganhou grande impulso.

A razão dada acima já bastaria para provar que precisamos atualizar a linguagem em nossa tradução. Mas existe uma outra razão. Sabem como 1Reis 14.10 ficaria em português, se fosse traduzido literalmente? Algo assim: “e eliminarei de Jeroboão todo o que urina na parede”. E pasmem, a KJV e a Reina-Valera traduziram assim. A Edição Revista e Corrigida, da Sociedade Bíblica do Brasil, já traduz menos literalmente: “separarei de Jeroboão todo homem”. Ah, quer dizer que “urinar na parede” é uma expressão hebraica para designar indivíduos do sexo masculino... Hmm, se a Bíblia fosse traduzida de forma totalmente literal, como é que nós saberíamos, a não ser com um exercício enorme da imaginação ou com muita pesquisa? Podemos citar muitos outros exemplos, como o Salmo 92.10. Se fosse traduzido ao pé da letra, produziria a frase hilária (para nós, lusófonos brasileiros): “tu levantarás meu chifre”. Convenhamos, soa até sacrílego! Por que não traduzir o **sentido** da expressão -- “tu exaltarás o meu poder” -- acrescentando uma nota de rodapé explicando como é a frase no original com o hebraísmo? Assim o texto faz sentido para nós e a nota de rodapé aumenta nosso conhecimento das metáforas usadas no hebraico -- ganha-se dos dois lados! Esse é mais um problema das traduções do século XVII, que tendem a ser literais nessas situações.

Podemos ainda falar de outras expressões que soavam naturais na época de João Ferreira de Almeida, mas que hoje ou não significam nada ou possuem duplo sentido – alguns exemplos que vêm imediatamente à mente são o uso da palavra “saco” em Gênesis 44 e a expressão “cingido pelos peitos” (Apocalipse 1:13). Precisamos de novas traduções que corrijam o problema. Pense no seguinte, se você estivesse conversando em inglês e quisesse fazer menção a um texto traduzido literalmente, você diria que o texto foi traduzido “*at the foot of the letter*”? O interlocutor de fala inglesa (ou anglófono, se você preferir) não entenderia nada... A tradução de um texto, sagrado ou não, funciona da mesma forma. Poderia gastar horas aqui citando exemplos, mas, só para ilustrar de forma bem clara, a expressão “a carne

é fraca”, traduzida literalmente para algumas línguas, pode significar “o bife está mal-passado”. Traduzir as coisas de forma excessivamente literal pode ser muito perigoso às vezes, e quem já trabalhou com tradução sabe disso muito bem.

Por incrível que pareça, os fundamentalistas de plantão não aceitam os argumentos acima. Dizem que usar linguagem moderna é perder a reverência e que traduzir o sentido e não a letra é alterar o que Deus disse. Primeiro, pergunto-me o que termos como “concupiscência”, “perscrutar”, “beneplácito”, “porfias” e “chocarrices” têm de mais reverentes do que “cobiça”, “observar”, “boa vontade”, “divisões” e “gracejos indecentes”. O leitor sincero deve admitir – absolutamente nada! Segundo, traduzir literalmente uma expressão que só faz sentido na língua original é que é alterar o que foi dito, e não o contrário (lembre-se dos exemplos dados acima, “*at the foot of the letter*” e “a carne é fraca”).

Vale lembrar que, no período imediatamente anterior à Reforma Protestante, na virada do século XV para o XVI, quando a Bíblia começava a aparecer nas línguas vernáculas, alguns bispos católicos diziam que a língua alemã era “bárbara demais” para que nela fossem expressos os “altos pensamentos da religião cristã, conforme os autores gregos e latinos”. O mais engraçado disso tudo é que os fundamentalistas, que produzem tanta literatura anticatólica, se comportam exatamente como o catolicismo medieval neste caso, tirando a Bíblia do alcance das pessoas não cultas. Bom, mas afinal onde entram os colchetes?

As questões textuais

A primeira tradução em português a utilizá-los foi a Revista e Atualizada. Na folha de rosto do Novo Testamento, ela diz: “Todo conteúdo entre colchetes é matéria da Tradução de Almeida, que não se encontra no texto grego adotado”. E assim vemos em colchetes textos como o final da Oração do Senhor: “pois Teu é o Reino etc”, ou o texto de 1 João 5:7 que menciona o Pai, a Palavra e o Espírito Santo (ver apêndice A), e em vários lugares, geralmente nos evangelhos, cujos textos paralelos contêm alguma expressão que na passagem em questão é “colcheteada”. Como leitor leigo, eu me perguntava: “Mas afinal, o que o **original** diz?” A dúvida é genuína e razoável, e a Sociedade Bíblica do Brasil talvez falhe em não dar mais explicações. Acontece que os fundamentalistas acusam os tradutores e editores das versões modernas de alterarem a Palavra, de lançarem dúvidas sobre ela, e até mesmo de serem covardes por não eliminarem de vez o texto por medo de prejuízo financeiro! Primeiro, deixe-me lembrar a todos que esse argumento é um julgamento (que Jesus chamou de pecado!), e não entra na questão em si (o que chamamos da “falácia *ad hominem*”), acusando homens piedosos de um pecado que não cometeram. Minha dúvida quanto ao “original” começou a ser esclarecida quando comprei uma NIV (*New International Version*), em 1994, que contém farto material explicativo nos rodapés, dizendo “alguns manuscritos dizem assim e assado”.

Manuscritos, notas de rodapé e acusações dos fundamentalistas

Caía naquele momento um mito que eu nutria até então, o de que os originais, escritos pelas mãos dos autores, estavam preservados num museu em algum lugar. Os originais, infelizmente, nunca foram encontrados (provavelmente já viraram poeira!) e, mesmo que tivessem sido encontrados, não poderiam ser identificados como tais. O que temos hoje são cópias manuscritas. Mas será que isso significa que Deus não preservou Sua Palavra? Muito pelo contrário – nós temos milhares de cópias quase idênticas, sendo que os pontos de discrepância são quase todos irrelevantes, como a troca de um delta por um sigma (tipo de diferença que aparece apenas em um entre milhares de manuscritos). Os pontos “relevantes” são justamente os que aparecem entre colchetes ou com notas de rodapé. Mas será que eles são relevantes ao ponto de determinar uma doutrina importante do cristianismo? Deus não estaria introduzindo dúvidas dessa forma, ao permitir que essas discrepâncias ocorressem? Essa é a acusação dos fundamentalistas aos eruditos que observam essas diferenças nos manuscritos, e nada poderia estar mais longe da verdade! Voltaremos a este ponto mais tarde, quando serão dados alguns exemplos do que são essas “discrepâncias”.

Portanto, foi ao ter em mãos uma tradução moderna, a NIV (em inglês), que pude descobrir que os originais (chamados tecnicamente de “autógrafos”) não existem mais. E mais, descobri que os manuscritos variam em alguns pontos – quase todos sem a menor importância – e, naqueles em que a diferença é maior, absolutamente NENHUMA doutrina básica do cristianismo é comprometida (vamos tratar disso em detalhes mais à frente). Em outras palavras, Deus preservou toda a fé que entregou aos santos de uma vez por todas de forma escrita, através de milhares de cópias que não a contradizem em momento nenhum. Isso já é suficiente para convencer qualquer cético da autenticidade e historicidade desse maravilhoso Livro “da capa preta que os crentes carregam debaixo do braço”, como eles dizem!

Logicamente, isso não basta para convencer os fundamentalistas. Para eles, a preservação da Palavra tem de valer para cada letra, como se os inúmeros manuscritos pudessem ser copiados infalivelmente... Para tanto, eles elegeram o texto grego conhecido como *Textus Receptus* (Texto Recebido), que foi editado por Desidério Erasmo (monge católico, cuja conversão ao protestantismo é afirmada por alguns e negada por outros, mas que para a presente discussão é irrelevante) no século XVI (mesma época da Reforma), como sendo a cópia fiel e exata dos originais do Novo Testamento, e o Texto Massorético (compilação de manuscritos produzidos pelos massoretas, que eram escribas judeus da Idade Média) no caso do Antigo. O argumento deles? Simplesmente que Deus usou as traduções baseadas nesses textos desde a época da Reforma. Assim, os quase 500 anos de Protestantismo se devem, segundo eles, ao fato de que Deus preservou “letra por letra” as palavras dos originais, abençoando a Palavra e usando as traduções baseadas no texto de Erasmo. Eu concordo com tudo, **exceto** a expressão “letra por letra” (que será discutida mais à frente). Aliás, fico me perguntando onde estava a Bíblia antes de existir o “Texto Recebido”...

Textos, famílias de manuscritos e um pouco de Crítica Textual

Como dissemos antes, existem milhares de manuscritos do Novo Testamento (por falar nisso, nem mencionamos o Antigo!) preservados ainda hoje. Alguns deles são muito antigos, como alguns papiros do princípio do segundo século (poucas décadas após o período apostólico!) e outros da época da Idade Média (por sinal, a maioria esmagadora!). Da mesma forma, os manuscritos podem ser divididos de várias formas. Quanto à época, temos os papiros (escritos na planta daquele nome), aproximadamente até o século IV. Depois, os unciais, escritos em pergaminho e, assim como os papiros, escritos em letras maiúsculas, sem espaços nem pontuação. Estes vão do século IV até o X. Finalmente temos os minúsculos, copiados por monges durante a Idade Média – geralmente com floreios e ilustrações. Outra forma de divisão dos manuscritos é o padrão que estes seguem – basicamente temos o padrão alexandrino e o bizantino. O bizantino usa mais palavras – geralmente, onde um manuscrito Alexandrino diz “o Senhor”, um bizantino diz “o Senhor nosso Deus”. Imagina-se que, pelo fato de os bizantinos serem menos antigos, era feita a chamada “conflação”, ou seja, quando o copista tinha dois manuscritos como matéria-prima, um dizendo “o Senhor” e outro “Jesus”, o resultado era “o Senhor Jesus”. Convém notar aqui que os manuscritos mais antigos seguem na maioria das vezes o padrão alexandrino, ou seja, com menos palavras. Os minúsculos, que são a maioria mas também menos antigos, são mais bizantinos. Resumindo, **os manuscritos bizantinos têm a seu favor o fato de serem a maioria, mas os alexandrinos têm mais antiguidade**. E mais, a grande maioria dos manuscritos antigos (papiros e unciais) foram encontrados no século XIX – significa que, na época de Erasmo, o material por ele utilizado era o único disponível.

Cabe aqui um esclarecimento histórico acerca de por que os manuscritos alexandrinos se perderam no tempo e os bizantinos foram tão difundidos. Alexandria, cidade mais importante do Egito antigo, era um grande centro cultural e intelectual da Antiguidade. Segundo uma tradição mencionada pelo historiador Eusébio de Cesaréia, no século IV, o cristianismo havia sido trazido àquela cidade por Marcos, o evangelista. Um dos seus bispos foi Atanásio, também do século IV, que foi o grande guerreiro contra a heresia do arianismo, que negava a divindade de Jesus Cristo. Além disso, naquela cidade ficava a maior biblioteca do mundo naquela época. No século VII, contudo, a região foi completamente dominada pelos islâmicos, de forma que diminuiu bastante a produção de cópias de manuscritos cristãos (bíblicos ou não). O Império Bizantino, por outro lado, cuja capital era Constantinopla, a antiga cidade de Bizâncio, foi fundado por Constantino (aquele mesmo que os fundamentalistas execram na sua literatura anticatólica) e durou pouco mais de mil anos. Durante o período em que existiu, do século IV ao XV, quando foi conquistado pelos turcos, aquele Império produziu uma quantidade enorme de manuscritos, preservando não só o texto bíblico mas a antiga tradição dos primeiros teólogos cristãos (os Pais da Igreja) de fala grega (Inácio, Irineu, Crisóstomo e outros). Ao contrário de Alexandria que, quando foi dominada pelo islã seus manuscritos praticamente desapareceram, o material produzido em Bizâncio teve outro fim: os eruditos de lá, no século XV, se refugiaram em grande parte no Ocidente, onde “coincidentemente” estava a pleno vapor o movimento conhecido como “Renascimento”, que era o chamado “retorno às fontes” (o lema dos renascentistas, dentre os quais o já mencionado Erasmo, era *ad fontes*, ou seja, “às fontes”). Em outras palavras, os renascentistas, antes mesmo dos reformadores, já procuravam formar um texto bíblico mais fiel às fontes originais do que a Vulgata, a tradução latina comumente

usada no Ocidente. Com a vinda dos eruditos bizantinos, juntou-se “a fome com a vontade de comer”...

Podemos agora entrar na questão dos textos que estão por trás das traduções na nossa língua. O já mencionado *Textus Receptus*, ou Texto Tradicional, foi compilado a partir de cerca de 5 manuscritos (isso mesmo, apenas 5!) que seguem o padrão bizantino. Com as descobertas de manuscritos mais antigos, no século XIX, como os famosos códices (cadernos, em oposição aos rolos anteriormente usados) Sinaítico e Vaticano e os papiros, vários eruditos viram a necessidade de se editar um texto baseado neles. Foi assim que surgiu o texto de Westcott e Hort e o texto moderno, usado em traduções como a NIV, conhecido como “Nestle-Alland”. Aliás, os fundamentalistas adoram “demonizar” os textos que discordam do tradicional com base em todo tipo de acusação contra Westcott e Hort, dois eruditos ingleses do século XIX, que, naturalmente, não eram batistas fundamentalistas, eram anglicanos, assim como os tradutores da versão King James. O objetivo das acusações, naturalmente, é envolver ambos em uma teoria conspiratória – aliás, a paixão dos fundamentalistas por teorias conspiratórias é algo impressionante. Falaremos mais sobre isso no apêndice.

Ah sim, o Antigo Testamento. Existem duas famílias de manuscritos hebraicos, a saber, o Texto Massorético, editado por eruditos judeus conhecidos como “massoretas” durante a Idade Média, e os Manuscritos do Mar Morto, descobertos no século XX. É interessante notar que os céticos ridicularizavam a autenticidade do AT baseado no fato de os manuscritos existentes serem muito recentes. Até que um dia alguém encontrou vários rolos contendo quase todo o texto hebraico nas cavernas de Qumram, próximas ao Mar Morto. Os rolos encontrados eram mais de mil anos mais antigos que o Texto Massorético, e continham o mesmo texto, com diferenças insignificantes (novamente, nada que comprometesse a doutrina). Estava provada a providência de Deus em preservar Sua Palavra até nossos dias! Além dos textos em hebraico, dispomos da tradução grega feita no século III a.C., conhecida como Septuaginta, ou versão dos Setenta (LXX). Ela é importante por ser mais antiga que o Texto Massorético, embora seja uma tradução. Aliás, quase sempre que o Novo Testamento cita o Antigo, a citação é feita da Septuaginta, que já era amplamente divulgada nos dias de Cristo.

É muito interessante mencionar aqui que, pelo fato das citações do Antigo Testamento no Novo preferirem a LXX como fonte, a literatura fundamentalista diz que essa teria sido produzida depois do século III dC, usando o Novo Testamento como fonte. Essa afirmação, contudo, não resiste ao mais elementar teste histórico. Um deles, só para ficar em um exemplo, é a evidência externa. O teólogo cristão Irineu de Lyon, escrevendo antes do ano 200 dC, ao confrontar os judeus de sua época acerca de Isaías 7:14 (a profecia de que “uma virgem conceberá”), cita que os próprios judeus haviam produzido uma tradução grega muito antes do advento de Cristo. Naturalmente, Irineu se referia à Septuaginta.

Voltando aos fundamentalistas

Agora já podemos falar mais detalhadamente sobre os colchetes e notas de rodapé. Quando aparece um colchete em sua tradução, o que está sendo dito é apenas que a passagem em questão aparece no texto das traduções antigas, que é o Tradicional (*Receptus*), mas é omitida nos textos que levam em conta os manuscritos mais antigos.

É aí que entra o fermento dos fundamentalistas. Para eles, a Palavra foi preservada “letra por letra”, como já foi dito. Citam como prova vários versículos fora de contexto, dizendo que não pode haver dúvida quanto à leitura dos originais, uma vez que Tiago condena a dúvida, que Deus não é um Deus de confusão, e outras coisas mais. Mas o que os fatos dizem? Será que eles confirmam essa interpretação fundamentalista dos versículos em questão? Sinto informar que não. Só para lembrar repetimos que, segundo os fundamentalistas, os textos equivalentes aos originais seriam o Tradicional, para o NT, e o Massorético, para o AT.

Os fatos (provando a não-veracidade da argumentação fundamentalista)

Podemos começar com I Samuel 13. Esta passagem, segundo o Texto Massorético, diz “tinha Saul anos de idade quando começou a reinar”. Isso mesmo, o Texto Massorético não diz absolutamente nada antes de “anos”! Duvido que o original fosse assim! A Septuaginta diz “trinta anos”. Em vista disto, será que o Texto Massorético é infalível em cada letra como apregoam os fundamentalistas?

Ou então, para destruir de vez o argumento deles, basta analisar as citações do AT no NT, quase todas citando a Septuaginta. Quando Jesus cita Isaías 61, em Lucas 4, ele diz “dar vista aos cegos”. Ora, a referida expressão não existe no Texto Massorético, exceto no capítulo 42. Lucas citou a Septuaginta. Das duas uma: ou a Septuaginta é mais precisa e Jesus citou um manuscrito mais antigo que o Texto Massorético que concorda com ela (provando que os fundamentalistas estão errados ao considerar o texto em questão infalível), ou então Lucas considerava essa diferença irrelevante e citou a Septuaginta (o que também provaria que os fundamentalistas estão errados, uma vez que para eles cada palavra é relevante). Creio que a segunda alternativa seja mais plausível, por causa dos outros usos da Septuaginta no NT. O escritor de Hebreus, por exemplo, cita o Salmo 40, Jeremias 31 e outros textos conforme a LXX, que apresentam pequenas diferenças, mas nada que seja relevante em termos de doutrina. Como já foi dito, os fundamentalistas tiveram que apelar para um argumento curiosíssimo, que contraria toda a erudição produzida até hoje sobre crítica textual e até o próprio bom senso, que seria a teoria de que a Septuaginta foi feita depois do Novo Testamento. Já mostramos acima que esse argumento é ridículo.

Finalmente, se considerarmos o Texto Massorético infalível, pergunta-se então: qual deles? Tal como no caso dos manuscritos do NT, existem várias cópias no hebraico, que não são 100% idênticas!

Mas afinal, o que é a preservação da Palavra?

De posse dos fatos acima, fica bem claro que Deus preservou sua Palavra (os Manuscritos do Mar Morto são prova incontestável!), porém não letra por letra. Um engano muito comum cometido pelos fundamentalistas, neste caso, é usar versículos que exaltam a Palavra do Senhor, como por exemplo “nem só de pão vive o homem, mas de **cada** palavra que sai da boca de Deus”. Segundo eles, o “cada” palavra significa que Deus preservou miraculosamente todas as letras dos originais nos manuscritos do texto massorético (aliás, eles fingem que não existem diferenças – mínimas, mas que realmente existem – entre os diversos manuscritos do texto massorético). **Mas não entendem eles que os dez mandamentos, por exemplo, são chamados de “dez palavras” em Deuteronômio. Ou seja, o conceito de “palavra”, na língua hebraica, é mais amplo do que no português**

– **engloba uma frase ou uma idéia, como no caso dos mandamentos.** Quando se perde esse fato de vista, está feita a confusão.

Podemos ilustrar também esse ponto, mostrando que a Bíblia considera a idéia geral e não cada sílaba como realmente importante, comparando passagens paralelas. Um exemplo bem simples seria comparar II Samuel 24:14 (“caiamos nas mãos do Senhor”) com I Crônicas 21:8 (“caia eu nas mãos do Senhor”). Fica evidente, aqui, que a Bíblia não reproduziu como um estenógrafo com exatidão o que foi dito, mas sim que a idéia central foi preservada. Ora, se para o Espírito Santo, que inspirou a Bíblia, não faz a menor diferença dizer “caiamos nas mãos do Senhor” ou “caia eu nas mãos do Senhor”, por que então alguém deveria concordar com a noção fundamentalista de “cada palavra”?

É assim que funciona a preservação da Palavra, não só do texto escrito mas até mesmo das palavras de Jesus e dos outros personagens bíblicos. Em mais de 99% do texto do NT nós podemos saber exatamente o que o original dizia apenas comparando as cópias, mas em alguns trechos ficamos com probabilidades. Significa que temos como saber o que o original provavelmente dizia? A resposta é sim! **Se dermos uma importância maior aos manuscritos mais antigos, portanto mais próximos em data dos originais, podemos saber o que eles diziam.** Esses manuscritos ainda não haviam sido encontrados ainda na época das traduções mais antigas, por isso elas não têm colchetes ou notas de rodapé. Não porque elas fossem mais exatas – simplesmente usaram o único material disponível!

Os fundamentalistas argumentam que essas traduções antigas foram abençoadas por Deus em toda a história do Protestantismo, por isso são cópia exata dos originais. Acontece que uma coisa não se segue da outra. Às vezes aparecem relatos de pessoas sendo salvas através de Bíblias traduzidas pelos Testemunhas de Jeová. O texto foi traduzido com todas as pressuposições teológicas do tradutor, o que não impediu que Deus usasse a Palavra para salvar. Se Deus pode usar até uma tradução herege, por que não traduções baseadas em textos gregos que, embora não sejam 100% exatos, concordam em mais de 95% com o original e não apresentam nenhum (repito, nenhum!) desvio doutrinário?

Acontece que outro argumento que os fundamentalistas usam é que os textos Alexandrinos, usados nas traduções modernas, de fato comprometem a doutrina. Não que contenham afirmações doutrinariamente falsas, mas “omitem” doutrinas fundamentais do Cristianismo. Será mesmo? Será que a omissão em um ponto ou dois **nega** a doutrina? Veja o seguinte absurdo: se eu não repetir todos os dias que tenho um nariz significa que sou um “desnarizado” (se é que existe tal palavra), ou que não acredito na existência do meu nariz? É esse tipo de argumento que os fundamentalistas usam contra os textos das traduções modernas. Ironia ou não, esses mesmos argumentos podem ser usados contra as traduções antigas – defendidas por eles com unhas e dentes – também!

Examinemos alguns casos para ilustrar melhor.

Alguns exemplos de diferenças textuais e de tradução mal utilizadas pelos fundamentalistas

Gostaria de começar com um exemplo clássico, um dos preferidos dos fundamentalistas. Refiro-me a Colossenses 1:14. O Texto Tradicional diz “redenção por meio do seu sangue”, enquanto os manuscritos mais antigos omitem “por meio do seu sangue”. Se você já leu

alguma literatura fundamentalista, já deve ter visto afirmações bombásticas, geralmente em letras garrafais, dizendo “blasfêmia, onde está o sangue?”, ou então envolvendo os tradutores das versões modernas numa espécie de “conspiração” para enfraquecer a doutrina da redenção pelo sangue de Cristo.

Cabe aqui um esclarecimento. Primeiro, se os tradutores quiseram realmente omitir o sangue, fizeram um péssimo trabalho. É só ler Hebreus 9:22 em qualquer tradução moderna. Mas nem precisa ir tão longe. Basta ler Efésios 1:7, que é um texto paralelo, quase idêntico. A comparação entre Colossenses 1:14 e Efésios 1:7 ilustra bem como se originaram inúmeros erros de copistas. O copista de Colossenses, familiar com o texto de Efésios, quando alguém ditou para ele “nele temos a redenção”, provavelmente pensou “esse texto eu já conheço”, e acrescentou “por meio do seu sangue”, influenciado pela passagem paralela de Efésios. Depois, todos os copistas que copiaram dele (ou seja, em data posterior, de onde vem a maioria das cópias, usadas para compilar o Texto Tradicional) mantiveram o erro de cópia. Mesmo que o original de Colossenses fizesse menção do sangue, o fato de se omiti-lo aqui com base em uma família de manuscritos não enfraquece a doutrina, ao contrário do que dizem os fundamentalistas. Será que duas menções explícitas de redenção pelo sangue (fora as implícitas) não bastam? Quantas vezes a Bíblia tem que mencionar uma doutrina para que ela não seja “enfraquecida”? Em cada versículo?

Outro texto ilustrativo é I Timóteo 3:16. Mas ao contrário do exemplo anterior, neste caso temos duas variantes textuais igualmente prováveis – é praticamente impossível saber o que dizia o original. O texto em questão diz “Deus foi manifestado na carne” ou “Aquele que foi manifestado na carne”, conforme o manuscrito. Se algum dia for encontrado um papiro de I Timóteo, a dúvida será esclarecida, ou seja, a variante surgiu na época dos manuscritos unciais. Esses manuscritos, como foi dito, eram todos em maiúsculas, e mais, eles abreviavam os nomes sagrados, como “theos” (Deus). A abreviação usada era só a primeira letra e a última e colocar um traço sobre a palavra. Assim, “THEOS” virava “ΘΣ”, portanto bem semelhante a “ΟΣ” (Aquele que). Como a vista dos copistas nem sempre era perfeita e a semelhança era enorme, fica fácil saber de onde veio a dúvida... nada melhor que uma tradução que fale explicitamente que existem as duas variantes, ao invés de crer que Deus “preservou” uma variante ao longo de 5 séculos de Protestantismo! Mais uma vez cabe lembrar que isso **não compromete a doutrina**, uma vez que a Encarnação de Deus é afirmada de forma bem explícita em João 1:14 e Isaías 9:6, por exemplo! Se sua fé na Encarnação de Deus se baseia em apenas um versículo, acho que você deveria repensar seus fundamentos. Qualquer doutrina bíblica deve se fundamentar não em um ou dois versículos, mas no conjunto da revelação bíblica. Qualquer fundamentalista sabe disso, eles até concordam com isso, mas por alguma razão bem estranha não gostam de “dar o braço a torcer”. Uma pena.

Em alguns casos, no entanto, os argumentos dos fundamentalistas giram em torno da forma como o texto foi traduzido. Gostaria de mencionar dois exemplos do Antigo Testamento.

O primeiro é o uso do termo “sodomita” (a Revista e Corrigida da Sociedade Bíblica do Brasil mudou esse termo para “rapazes escandalosos”, que não faz o menor sentido...), traduzindo o hebraico “qadesh”. As versões modernas são mais acuradas em traduzir a palavra como “prostitutos culturais”, ou seja, aqueles rapazes que ficavam nos templos pagãos oferecendo favores sexuais (homossexuais) por dinheiro. Os fundamentalistas ficam irados com isto, dizendo que os tradutores das versões modernas não condenam o

homossexualismo por tirarem o termo “sodomita”. Engraçado, eu poderia fazer a mesma coisa, dizendo que os fundamentalistas não condenam a prostituição cultural, o que certamente seria desonesto da minha parte... De qualquer forma, não precisa nem saber hebraico para ver o quanto eles estão errados – o mesmo termo, só que na forma feminina, é usado em Gênesis 38 para designar a prostituta com a qual Judá teve um filho. Pode-se também notar que “qadesh” é da mesma família que “qadosh”, que significa “santo” ou “sagrado”. Daí vem a conotação religiosa desse tipo de prostituição. Em tempo: as traduções modernas condenam sim o homossexualismo, basta ler por exemplo Romanos 1.

Esse caso da palavra “qadesh” é muito ilustrativo acerca da lógica distorcida da argumentação fundamentalista. Eles não são capazes de citar uma única passagem do Antigo Testamento na qual essa palavra signifique, sem qualquer dúvida, “homossexual”. Mesmo assim apelam para outra argumentação também bastante curiosa. Segundo eles, os eruditos de hoje nunca terão o conhecimento de hebraico dos tradutores mais antigos, uma vez que aqueles estavam mais próximos da época dos escritores bíblicos. Ignoram eles que hoje temos um aparato arqueológico de literatura antiga que não existia nem no tempo de Jerônimo nem no tempo da versão King James. As credenciais dos tradutores antigos são excelentes, sem dúvida, mas eles não tinham os recursos arqueológicos dos nossos dias, não tiveram acesso às pesquisas sobre a evolução das línguas semíticas e por aí vai. Não só isso, os fundamentalistas preferem a tradução de “qadesh” como “homossexual” simplesmente porque esta é mais “abrangente” (ou seja, condena um grupo maior do que apenas os prostitutos culturais). Isso não é uma boa prática apologética. Quando se quer usar um texto bíblico como prova do que quer que seja, não se deve usar um que pode ser traduzido de outra forma ou que não esteja em todos os manuscritos disponíveis. Para se provar a pecaminosidade do comportamento homossexual, por exemplo, é muito mais honesto e natural usar um texto sobre o qual não há qualquer dúvida, como Romanos 1, do que um que possa ser traduzido de outra forma, como este que estamos discutindo de I Reis. A lógica fundamentalista, contudo, não pode aceitar isso jamais, uma vez que, segundo eles, não pode haver dúvida sobre o que Deus disse num texto. Quanta pretensão... O que dizer de tantos versículos cuja interpretação já foi discutida através dos séculos sem se chegar a uma conclusão!

O segundo exemplo é o versículo 2 de Miquéias capítulo 5. As traduções antigas dizem “saídas” e as modernas dizem “origem”, num texto claramente messiânico. E as “saídas” são “desde os tempos eternos”, nas versões antigas, ou as “origens” são desde os “tempos antigos”, conforme as versões modernas. Mais uma vez os fundamentalistas, no seu zelo sem entendimento, acusam os tradutores das versões modernas de negar a eternidade de Cristo, dizendo que ele teve origem. Primeiro, é bom lembrar que ambas as traduções fazem sentido, uma vez que “originar-se” de alguém é “sair” de alguém, em um sentido mais amplo. Quanto à interpretação do versículo, nenhum testemunha de Jeová que se preze vai querer usar iso como prova de que Jesus foi criado. Eles sabem muito bem que Jesus se originou de Davi, humanamente falando, aliás provavelmente foi o que Miquéias quis dizer... Convém notar que o termo hebraico para “eterno” e “antigo” é o mesmo, como por exemplo no Salmo 24 (que usa a expressão “portais eternos” – na verdade os portais são antigos, uma vez que eterno mesmo só Deus!). Assim, se Jesus teve origem nos “dias eternos”, significa que Ele não teve origem – como uma reta em matemática, que tem “origem” em menos infinito mas não tem começo! Desta forma, como quer que se queira ver as possíveis traduções, não existe terreno para se entender que Jesus teve começo!

O mais triste de tudo

Infelizmente, os fundamentalistas não se contentam em apenas defender uma família de textos ou uma doutrina, no caso a preservação letra por letra miraculosamente através de cópias infalíveis. Se tudo parasse aí, seria apenas um ponto de vista diferente, sem tanta importância. A grande dificuldade que a literatura fundamentalista apresenta é a campanha difamatória por ela promovida. Em linguagem extremamente virulenta, carregada de ódio, os fundamentalistas despejam acusações sem fundamento (“fundamentalistas sem fundamento”, que ironia lingüística!) sobre pessoas de conduta reconhecidamente piedosas, tementes a Deus, que prestam serviço inestimável ao Reino. Só para citar um, o dr. Gleason Archer, talvez o maior erudito em línguas semíticas do século XX (e talvez de todos os tempos), que participou da comissão que produziu a *New American Standard Bible*, em 1971, e da que produziu a *New International Version*, em 1978, foi o maior defensor da inerrância bíblica que se tem notícia. Sua contribuição naquela área, que é uma doutrina que qualquer fundamentalista também defende, é inestimável. A literatura fundamentalista, contudo, envolve os tradutores das versões modernas numa suposta conspiração para solapar a Palavra de Deus e os fundamentos do cristianismo, ao invés de vê-los apenas como irmãos em Cristo que pensam diferente. Isso é muito lamentável e só nos faz lembrar que qualquer reino dividido não subsiste – por que eles não dirigem sua “artilharia” contra aquilo que realmente é heresia, como por exemplo a teologia da prosperidade? A incoerência dos fundamentalistas é tão grande que, ao mesmo tempo em que são rápidos para apontar que havia supostamente dois homossexuais que foram consultados pela comissão que produziu a NIV em inglês, omitem inteiramente que os manuscritos bizantinos, dos quais provém o Texto Tradicional, foram copiados e preservados por monges católicos (nessas horas eles se esquecem de toda a literatura anticatólica que produzem, naturalmente), vários deles possivelmente homossexuais, que criam em todas as crendices da igreja bizantina medieval. Por que razão usar dois pesos e duas medidas?

Conclusão

Diante do que foi exposto, o leitor pode ficar tranquilo – sua Espada do Espírito não está enferrujada! A Palavra de Deus continua viva e eficaz, mesmo com os colchetes e notas de rodapé. O fato de existirem variantes não afeta nem a menor letra nem o menor traço (Mateus 5:18) da fé que foi entregue aos santos (Judas 3)! Os manuscritos originais não foram preservados, e o seu texto original, 100% fidedigno, também não, mas a sua mensagem sim. Cada mandamento bíblico, cada doutrina, cada bênção, cada promessa, cada advertência da Palavra de Deus se encontra à sua disposição, na sua própria língua, sem necessidade de dicionário para acompanhar sua leitura. Cabe a você fazer bom uso, manejando corretamente a Palavra da Verdade.

Os apêndices apresentam mais algumas passagens que ilustram os pontos já mencionados, lançando mais um pouco de luz sobre a questão, além de apresentar a cosmovisão que leva os fundamentalistas a pensarem e agirem da forma como o fazem.

Finalmente, um encorajamento: Estude outras línguas, especialmente o grego e o hebraico, e conheça tão profundamente quanto puder a ciência que estuda a forma como a Palavra escrita nos foi entregue, a Crítica Textual, sem nenhum medo de que qualquer doutrina do Cristianismo Histórico possa ser demolida! Conheça e estude também a História da Igreja,

que é um campo riquíssimo para se estudar e aprender lições do passado, para que não sejam repetidos os erros de outrora.

Apêndice A – Comparação entre algumas passagens traduzidas de forma diferente ou omitidas nas versões modernas

São inúmeras as passagens, e vale lembrar que, quanto mais copiado é um texto, maior a probabilidade de que coisas sejam acrescentadas a ele, e não tiradas. Os monges que copiavam o texto procuravam sempre, ao verem dois manuscritos diferentes, juntar tudo que encontravam nos dois, para não “perder informação”, por assim dizer. Por isso, o Texto Recebido, baseado em manuscritos menos antigos, quase sempre é mais extenso.

1) **I João 5:7b e 8a**. “no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo, e estes três são um. E três os que testificam na terra”. Essa passagem é conhecida como “Comma joanina”, do latim *comma* (vírgula). Os tradutores das versões modernas não arrancaram essa passagem da Bíblia, como caluniam os fundamentalistas. A verdade é que, dentre milhares de manuscritos gregos, ela consta em apenas 8, sendo o mais antigo do século X, e mesmo assim ela aparece nesse manuscrito como leitura marginal. Todos os outros são de depois do século XVI, sendo que em 4 a leitura também é marginal (ou seja, à margem, como leitura possível mas não certa, tal como fazem as traduções modernas com várias passagens) e em um não aparece a frase “e estes três são um”. A “comma” aparece apenas em alguns manuscritos da Vulgata latina, e foi aparecer no Texto Recebido graças à pressão feita sobre Erasmo para incluí-la. Vale lembrar que não existe qualquer evidência do uso dessa passagem pelos Pais da Igreja, por exemplo. Aqueles que defenderam a doutrina da Trindade contra a heresia dos arianos, como Atanásio, por exemplo, bispo de Alexandria no século IV, certamente teriam feito uso de tal passagem, se ela existisse.

2) **João 6:47**. A Atualizada diz, “aquele que crê, tem a vida eterna”. O Texto Recebido e as versões nele baseadas dizem “aquele que crê *em mim* tem a vida eterna”. Por este exemplo e dezenas de outros do mesmo estilo, a literatura fundamentalista destrói sem piedade a reputação dos pobres dos tradutores, que não têm culpa dessas duas palavrinhas não aparecerem nos manuscritos mais antigos. Mas será que é perversão da doutrina cristã por parte deles, uma vez que faz muita diferença em quem nós cremos? Qualquer pessoa honesta vai ter que admitir que, no versículo 35 e no 40, o texto de João não deixa dúvidas sobre em quem devemos crer, não importa qual versão se utilize. Por influência desses versos, alguns copistas se enganaram e repetiram as palavras “em mim” no verso 47. Esse tipo de erro de copista é muito comum, talvez o mais comum de todos. **Devemos escolher, com honestidade, qual é a leitura mais provável do original, e não a que mais nos agrada, como fazem os fundamentalistas.**

3) **Romanos 14:10 e Atos 16:7**. Esses dois versículos ilustram de forma cabal o duplo padrão dos fundamentalistas. Romanos 14:10, na versão Corrigida Fiel, diz “tribunal de Cristo”, e nas versões modernas diz “tribunal de Deus”. Os fundamentalistas, naturalmente, se enfurecem, afirmando que os tradutores modernos querem diminuir a divindade de Cristo (nunca mencionam que a escolha foi feita por motivos textuais, e não por preferência teológica). Acontece que Atos 16:7, na Corrigida Fiel, diz “o Espírito não o permitiu”. Nas versões modernas, a leitura é “o Espírito de Jesus”. A pergunta que não quer calar é, por que os fundamentalistas não usam o mesmo peso e a mesma medida neste caso?

4) **Romanos 8:34**. Assim como Atos 16:7, esse versículo contraria a tendência. Nas versões modernas, está escrito “Cristo Jesus”, ao passo que naquelas derivadas do Texto Recebido

consta apenas “Cristo”. Pela lógica fundamentalista, não estariam as versões de sua preferência negando que Jesus é o Cristo?

5) **I Tessalonicenses 5:22**. Esse é o versículo preferido dos fundamentalistas “farejadores de pecado”. Algo não é explicitamente proibido na Bíblia, não é pecado mesmo? Eles arrumam um jeito: “abstende-vos de toda a aparência do mal”. Ou seja, aquilo (o que quer que seja) “tem aparência de mal” (mesmo que não seja mal na essência)? Você deve evitar... Acontece que se trata de um erro de tradução, puro e simples. As versões mais modernas corrigem para “abstende-vos de toda forma de mal”. Até mesmo a Reina-Valera, em espanhol, baseada no Texto Recebido, diz “*toda especie de mal*”. Obviamente, “toda aparência” e “toda espécie” são coisas diferentes. Uma coisa se refere a tudo que se parece mal, mesmo não sendo. Outra se refere a todo tipo de mal, ou seja, aquilo que realmente é um mal. O mais irônico, neste caso, é que Jesus nunca se absteve da tal “aparência do mal”. Pelo contrário, o Senhor comeu com publicanos e meretrizes, e não hesitou em deixar uma delas chorar aos seus pés. Ainda bem que Jesus não era fundamentalista, ao contrário dos que o criticaram por causa dessas atitudes. Por que esse erro apareceu, então? Fácil... Assim como em português, a palavra “forma” pode significar tanto a forma externa quanto uma espécie (por exemplo, “toda forma de mal” significa “qualquer tipo de mal”, e não “o formato externo do mal”), em grego o termo *eidós* tem os mesmos sentidos. Em Lucas 9:29, por exemplo, se traduz essa palavra como “aparência” (“a aparência do seu rosto se transfigurou”), daí ter surgido a confusão. Posso até conjecturar que João Ferreira de Almeida, ao traduzir a passagem, tenha tido a intenção de dizer “abstende-vos do mal em todas as formas como se aparenta”, mas o fato é que a escolha do termo “aparência” não foi feliz. Além do mais, o contexto de I Ts 5:22 se refere às profecias: “não desprezeis as profecias, examinai tudo, retende o que é bom, descartai todas as formas do que é ruim”. É esse o sentido do verso.

Apêndice B – Um olhar crítico sobre a visão de mundo dos fundamentalistas

Este apêndice não tem o propósito de denegrir a imagem de quem quer que seja. Desta forma, **não serão citados nomes nem textos específicos**. O que será analisado, de forma crítica, será a visão de mundo fundamentalista, por acreditar eu que a forma como as pessoas entendem cada aspecto da vida ajuda a entender o propósito de suas palavras e ações. Muitas vezes, no entanto, as pessoas agem de forma incoerente. Acreditam, por exemplo, que a honestidade é uma virtude, mas distorcem os fatos conforme a sua conveniência. Acreditam na imparcialidade, mas agem com parcialidade. Acreditam na justiça, mas muitas vezes usam pesos e medidas diferentes. Todo ser humano (inclusive eu), vez por outra, comete esse tipo de erro, uma vez que nossa natureza é caída e manchada pelo pecado.

Examinando a literatura por eles produzida, espalhada abundantemente pela internet, podemos dizer que são irmãos em Cristo, apesar dos pesares, e pessoas que levam a sério seu cristianismo – exceto, com certeza, na campanha difamatória que promovem contra quem pensa diferente deles – e que amam a Deus, crendo em todas as doutrinas cristãs essenciais. Seus tratados de teologia sistemática são muito bons, e colocam de forma bem didática os pilares do cristianismo protestante. Ainda assim, são claras suas posições intolerantes para com quem discorda deles em pontos de importância periférica da doutrina, usando abundantemente de falácias – nem sempre intencionalmente ou por maldade, é bom que se diga.

Os fundamentalistas usam falácias conforme a sua conveniência. A preferida deles, que pode ser vista em quase todos os textos que produzem, é a da "culpa por associação". Essa falácia consiste em associar as pessoas a idéias de outras pessoas apenas por causa de uma simples concordância em qualquer área. Por exemplo, imaginemos que um espírita kardecista, que, assim como eu, é contra o aborto, faça um abaixo-assinado para que o Congresso Nacional não legitime essa prática, pedindo assinaturas. Eu assino o manifesto. Desta forma, usar a falácia em questão seria dizer que eu defendo idéias do espiritismo só por causa disso.

A literatura fundamentalista está repleta dessa falácia, especialmente contra os artistas de rock cristão e contra os tradutores das versões modernas da Bíblia. Podemos citar dois exemplos de como isso ocorre. Um determinado artista cristão cantou uma música dos Beatles numa apresentação. Os Beatles, por sua vez, gostavam de religiões orientais, pregavam a rebeldia e outras coisas. Pronto, o artista em questão virou um adepto da rebeldia e das religiões orientais, provando assim que o estilo musical que ele canta é demoníaco. O problema é que os fundamentalistas nunca têm a honestidade de mencionar que Paulo citou autores pagãos em pelo menos duas ocasiões (por exemplo, "as más conversações corrompem os bons costumes") e que Lutero usou músicas do folclore alemão, muitas vezes cantadas em tavernas, e colocou nelas letras cristãs. Outro exemplo é que a editora que publica a NIV nos EUA pertence a uma outra, que por sua vez tem uma subsidiária que publicou a chamada "Bíblia Satânica". Pronto, está feita a associação indevida. Mais uma vez eles não são honestos ao colocar todos os fatos: vi, uma vez, na mesma prateleira de uma livraria, a Bíblia ACF (Almeida Corrigida Fiel), que eles tanto veneram, e uma revista pornográfica, quase lado a lado. Será que seria honesto da minha parte usar a mesma falácia contra a ACF? Ou não seria mais verdadeiro admitir que, tanto a livraria quanto a editora, são empresas que visam o lucro e não se importam com o conteúdo

do que vendem, e só se interessam pelo dinheiro? A editora não é responsável pelo conteúdo, mas pela venda. Só que isso os fundamentalistas nunca contam.

Outra falácia que usam muito é o argumento *ad hominem*, que consiste em descartar o conteúdo de qualquer coisa só por causa de alguma falha na pessoa que propôs essa coisa. Por exemplo, procuram destruir a reputação de qualquer um que tenha participado de alguma pesquisa científica que diminua a importância do Texto Recebido – Wescott e Hort são suas vítimas preferidas. Desacreditando a conduta dos dois, acham que assim tudo que foi dito por eles perde o valor. Além disso, dizem que a NIV em inglês defende o homossexualismo porque, supostamente, havia dois "homossexuais depravados" (palavras dos próprios fundamentalistas) na equipe daquela tradução. É decepcionante como eles usam dois pesos e duas medidas, não usando os mesmos critérios para as traduções que eles veneram. Será que eles sabem quantos "gananciosos depravados" havia na equipe que produziu a KJV? Ou quantos "gulosos depravados"? Ou até mesmo quantos "homossexuais depravados" – será que eles pesquisaram a preferência sexual de todos os tradutores da KJV? Aliás, por que apenas os homossexuais são depravados e os que cometem outros pecados não o são?

Infelizmente, não são só as traduções bíblicas as vítimas da visão de mundo dos fundamentalistas. Eles enxergam o mundo sob um prisma eurocêntrico e americanocêntrico, culturalmente falando. Para eles, a Bíblia sanciona a cultura ocidental e todas as outras são demoníacas. Os instrumentos musicais usados pelos africanos, como as tumbadoras e os atabaques, são chamados de "instrumentos mundanos" – fico imaginando se algum fundamentalista acredita que existam "instrumentos celestiais". Não conseguem enxergar que a Europa também já foi completamente pagã, tal como a África. Aliás, a forma como enxergam a cultura é bem peculiar. Condenam, por exemplo, as palmas na liturgia, bem como as harmonias dissonantes e complexas, e qualquer ritmo que sugira dança, aceitando apenas aqueles que soem como "marcha". De onde tiraram tais conclusões, realmente não faço idéia. Na Bíblia que eles lêem está escrito "celebrai com júbilo ao Senhor" e "louvai-o com tamborins (adufes) e danças". Mas, ao contrário, eles dizem que canções que usem as emoções não podem ser usadas na liturgia. Segundo eles, "em espírito e em verdade" exclui as emoções - quando, ao contrário, adorar "em espírito e em verdade" é a antítese de várias das restrições impostas pela lei mosaica, como lugar e modo. Adorar em espírito significa adorar com liberdade, inclusive de usar a cultura para glorificar a Deus. Foi Deus que concedeu a capacidade ao homem de criar, de produzir coisas belas e chamar isso de cultura. Quando a Bíblia diz "ama ao Senhor de todo o teu coração e com todas as tuas forças", isso significa "com tudo que você é e pode fazer", e isso inclui suas emoções – o errado não é senti-las, mas depender delas. A teologia de suprimir as emoções ou qualquer sensação de prazer (inclusive o prazer de se ouvir uma bela melodia), como se isso por si só fosse pecaminoso, veio da filosofia grega, que por sua vez entrou no gnosticismo, que por sua vez contaminou o catolicismo através das práticas ascéticas dos monges. Aí está a ironia, os fundamentalistas, tão anticatólicos, agem como católicos.

Por falar em anticatolicismo, essa é outra característica marcante e incoerente dos fundamentalistas. É verdade que o catolicismo distorceu muito do verdadeiro Evangelho com doutrinas estranhas à Bíblia, colocando suas tradições em indevido pé de igualdade com as Escrituras. Por outro lado, vale lembrar que o Protestantismo tem apenas 5 séculos. Antes da Reforma, o cristianismo não estava morto e nem o Espírito Santo estava de férias. A literatura fundamentalista procura, de forma surpreendente e ridícula, distorcendo fatos

históricos, mostrar que sempre houve, desde o tempo dos apóstolos, verdadeiros cristãos que não eram católicos. Acontece que isso não é verdade. Essa teoria pseudo-histórica se tornou popular no início do século XX, através de um panfleto de James Milton Carroll, um pastor batista americano, chamado "Um rastro de sangue" (A trail of blood). James tenta mostrar que os batistas existiam desde o tempo apostólico, sobrevivendo sob diferentes nomes, como "montanistas", "paulicianos" e "valdenses". Se foi ignorância histórica ou farsa deliberada eu não sei, mas o fato é que os montanistas tiveram entre seus membros o teólogo Tertuliano, extremamente legalista e idealizador de, entre outras coisas, a teologia dos pecados "mortais" e "veniais" do catolicismo, além de ter sido o primeiro que se tem notícia a diferenciar os crentes comuns dos "sacerdotes". Os montanistas eram adeptos de várias práticas heterodoxas, baseados em visões e supostas profecias. Nenhum batista fundamentalista de hoje se identificaria com eles. Os paulicianos eram dualistas, assim como os gnósticos, ou seja, criam em dois deuses, um mau, criador do mundo material, e outro bom. Os valdenses surgiram por volta de 1170, através de Pedro Valdo, que no início era completamente católico. Apenas depois o grupo rompeu com Roma. E mais, não é provado que tenha havido qualquer continuidade entre esses grupos, pelo contrário, são completamente isolados uns dos outros. Em outras palavras, o cristianismo foi preservado, através da Idade Média, pelo catolicismo ortodoxo e romano, quer queiram quer não. Foram os cristãos dessas igrejas, ainda que de forma imperfeita, que preservaram a fé cristã, apesar de todas as falsas doutrinas acrescentadas ao Evangelho. Para os fundamentalistas, qualquer autor protestante que se atreva a citar um autor católico é execrado. Não é de se admirar que a literatura fundamentalista jogue lama em homens de Deus como Billy Graham, C. S. Lewis e Philip Yancey, apenas pelo "crime" de citarem autores católicos com frequência. Essa é uma incoerência surpreendente, já que Lutero e Calvino beberam profusamente da fonte de Agostinho de Hipona e vários outros católicos.

Outra característica marcante dos fundamentalistas é que não conhecem muito bem o significado da palavra "graça". São eles que brandem energicamente cartazes com palavras de ódio do tipo "vocês vão queimar no inferno" sempre que acontece uma parada gay, mas nunca se dispõem a amar essas pessoas, ouvi-las e serem suas amigas. É verdade, os que perecem sem Cristo e não estão dispostos a abandonar o pecado vão sim queimar no inferno, foi o que Jesus disse. Porém, a mensagem de Jesus consiste primeiro em amar as pessoas - você nunca vai poder falar em inferno para alguém que você não ama, para alguém que nunca comeu uma refeição junto com você e nunca foi seu amigo, para alguém que você não se importa com seus problemas. Para os fundamentalistas, por outro lado, que proveito há em ser amigo de um "sodomita"? É muito fácil demonstrar ódio assim, quando são os outros. E quando um filho de um fundamentalista não consegue orientar seu instinto sexual da forma bíblica e só sente desejo por pessoas do mesmo sexo? Como é que eles reagem? Gostaria de saber também. Não vai ser com cartazes carregados de ódio, praticamente comemorando a condenação eterna dessas pessoas, dançando alegres sobre as cinzas de Sodoma, que essas pessoas serão ganhas para Cristo.

Não bastasse isso tudo, os fundamentalistas amam as teorias conspiratórias. A internet está farta de material que afirma, entre várias coisas, que os jesuítas seriam culpados por todos os conflitos da humanidade nos últimos 500 anos, que o papa de verdade é um brinquedo nas mãos do líder dos jesuítas, chamado pelos fundamentalistas de "papa negro". Não é só a suposta conspiração para destruir a integridade da Bíblia que eles acreditam, infelizmente, são muitas outras as "fábulas profanas e de velhas caducas" (I Tm 4:17). Tudo para a vergonha do Evangelho que eles dizem defender. Qualquer um que já tenha lidado com

pessoas que acreditam em teorias conspiratórias sabe que elas são difíceis de se convencer. Tente conversar com um marxista fanático, por exemplo, e tentar convencê-lo de que a luta de classes e o capitalismo não são a causa de todos os males da humanidade...

Voltando às velhas falácias *ad hominem* e da “culpa por associação”, os fundamentalistas detestam que se defenda o meio ambiente. Afinal, quem mais defende a preservação do planeta para as gerações futuras, hoje, são justamente os esotéricos e os mesmos que defendem o aborto e os direitos dos homossexuais. Assim, se você tentar convencer um fundamentalista a colaborar com a diminuição do aquecimento global, eles vão dizer que isso é coisa de “esquerdista liberal”. Além do mais, sua escatologia é toda baseada em “interpretar os sinais da vinda de Jesus”, e, afinal, “se Jesus está voltando, para que eu vou melhorar este planeta?” Mais uma vez se vê a falta de coerência – se Jesus está voltando e todos nós vamos morrer um dia, por que os mesmos fundamentalistas não entopem suas artérias de colesterol, abusando de uma alimentação pouco equilibrada? Ah, nosso corpo é templo do Espírito Santo? Sei... Acontece que a terra é o “estrado de Seus pés”, segundo Jesus. Deus colocou o homem no jardim e ordenou que cuidasse de toda a criação, dando nomes aos animais, e não que a destruísse. Não consta que essa ordem tenha sido revogada com a Queda, ainda que o Jardim não exista mais. Basta ler o salmo 8, que afirma expressamente que Deus colocou o homem acima de todos os seres criados. Afinal, que qualidade de ar nossos filhos vão respirar? Quem é você, oh fundamentalista, para marcar a data da vinda de Cristo, como se fosse certo que ela fosse acontecer em menos de uma ou duas gerações? Enquanto o Corpo de Cristo não faz nada, infelizmente são os “esquerdistas liberais” que estão defendendo o meio ambiente, atitude essa que faz parte do amor ao próximo que a Bíblia dos fundamentalistas ordena.

Já que falamos de criação e meio ambiente, os fundamentalistas são extremamente literalistas na sua leitura do Gênesis. Não me entendam mal, não me considero um evolucionista e tampouco nego a historicidade de Adão, homem criado por Deus e responsável pela Queda da espécie humana – é só ver Romanos 5:12. Refiro-me à crença de que, contrário a tudo que se pode mostrar como evidência científica de que esta terra foi criada há alguns bilhões de anos, os fundamentalistas insistem em dizer que a terra é uma “jovem” de apenas 6.000 anos. Até aí tudo bem, afinal a leitura de Gênesis 1 não é conclusiva e pode dar a entender isso, apesar das evidências científicas. Além do mais, tenho vários amigos que não são fundamentalistas e também pensam assim. O problema é que, para os fundamentalistas, se você não crê numa terra jovem, você é liberal e está solapando uma doutrina central do cristianismo. Se você ventilar a possibilidade do dilúvio não ter sido nos cinco continentes, então... Só para efeito de esclarecimento, Gênesis 1 utiliza linguagem poética, fazendo uso do paralelismo da poesia hebraica – basta notar a repetição de algumas expressões. Na linguagem poética, é comum usar várias expressões com sentido figurado, inclusive “dia”, “tarde” e “manhã”. Você pode sim ser um cristão fiel e aceitar que a terra tem alguns bilhões de anos. E mais, quando Gênesis diz que o dilúvio destruiu toda a terra, não necessariamente se referia ao planeta, mas possivelmente à terra habitável pelos homens na época – afinal, colocar todos os animais dos cinco continentes dentro de uma arca de pouco mais de cem metros de comprimento é um pouco complicado, embora eu saiba que Deus é poderoso para fazer isso e muito mais.

Dentro da mesma lógica distorcida que os impede de defender o meio ambiente, os fundamentalistas não admitem que a Igreja do Senhor se envolva na luta pelos direitos humanos, no combate ao aborto e na pressão sobre os governantes para que haja leis mais

justas. Tampouco admitem que os crentes se envolvam em obras sociais. É verdade, existe o tal “evangelho social”, que reduz a mensagem de Cristo apenas à satisfação das necessidades materiais e ignora a parte mais importante, que é a redenção e o perdão dos pecados. Por outro lado, mesmo que o evangelho social seja uma distorção, ainda assim pregar contra a injustiça social é amar o próximo, mandamento bíblico. Os profetas pregaram contra a opressão aos órfãos, viúvas e pobres, e devemos sim fazer o mesmo. Cristo vai elogiar as ovelhas, conforme Mateus 25, por alimentarem os famintos e darem água aos sedentos, além de vestir os necessitados e visitarem os prisioneiros. Os fundamentalistas, lamentavelmente, passam uma “tesoura dispensacionalista” nessas passagens. Por que não passam a mesma tesoura sobre o mandamento de dar a vida pelo próximo, por questão de coerência?

Em resumo, não creio serem os fundamentalistas pessoas mal-intencionadas, ao contrário do que eles dizem dos tradutores das versões modernas, mas com certeza são cegos guias de cegos, que pregam fábulas profanas e de velhas caducas (I Timóteo 4:17).

Para saber mais:

A literatura em português sobre esse tema, infelizmente, só conta com material produzido por fundamentalistas, até onde sei. Existe, porém, um excelente livro, em inglês, mostrando o outro lado:

WHITE, James. *The King James Only Controversy*. Bethany House Publishers, Minneapolis, 1995.

O livro foi endossado por vários eruditos da Palavra, como D. A. Carson, J. I. Packer, John McArthur e Norman Geisler. Se o leitor se interessa pelo tema e tem facilidade com a língua inglesa, a boa leitura é garantida!

Sobre o autor:

Renato é engenheiro químico, mineiro de BH, casado, violonista, cristão, membro de uma igreja batista e conhece vários outros idiomas, já tendo feito alguns trabalhos de tradução. Um de seus *hobbies* preferidos é estudar a História do Cristianismo. Se você quiser opinar sobre este artigo, por favor escreva para renfontes@hotmail.com. Obrigado.